

SEXISMO LINGUÍSTICO E CONTROLE SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS OFENSAS DE GÊNERO NA LINGUAGEM COTIDIANA NO CONTEXTO BRASILEIRO

*LINGUISTIC SEXISM AND SOCIAL CONTROL: AN ANALYSIS OF GENDER-BASED
INSULTS IN EVERYDAY LANGUAGE IN THE BRAZILIAN CONTEXT*

Anna Rita Oliveira França¹

Arthur Viana do Nascimento²

Gisele Ariadne Ferreira Valério³

Jacksyenne Manuela Monteiro Santos⁴

Levi Enoque Santos Silva⁵

Resumo: Este estudo investiga o sexismo linguístico e o controle social manifestos em ofensas cotidianas no Brasil, com ênfase no contexto regional de Pernambuco. O objetivo central é compreender os xingamentos como atos de fala que regulam papéis de gênero e preservam estruturas patriarcais. Fundamentada na filosofia da linguagem ordinária e na teoria dos atos de fala, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa de cunho teórico-bibliográfico, por meio de uma revisão narrativa da literatura. Os resultados demonstram que os insultos operam de forma assimétrica: contra mulheres, as ofensas concentram-se no policiamento da conduta sexual ativa; contra homens, focam na ineficácia laboral ou na feminilização da sexualidade passiva. Adicionalmente, a análise interseccional revela um racismo gendrado que

desumaniza mulheres negras pela estética e associa homens negros à criminalidade. Conclui-se que os xingamentos funcionam como sintomas culturais de desigualdades estruturais, reafirmando identidades hegemônicas e punindo dissidências. O trabalho contribui para o campo de gênero ao evidenciar a linguagem como instrumento de microfísica do poder, ressaltando a urgência de práticas discursivas fundamentadas na ética do cuidado para a transformação das relações sociais.

Palavras-chave: Linguagem; xingamentos; gênero; sexismo linguístico; interseccionalidade.

Abstract: This study investigates linguistic sexism and social control as manifested in

¹ Centro Universitário Unifavip Wyden. E-mail: annafranca031@gmail.com

² Centro Universitário Unifavip Wyden. E-mail: arthurviana190@gmail.com

³ Centro Universitário Unifavip Wyden. Email: giselelval@gmail.com

⁴ Centro Universitário Unifavip Wyden. Email: jacksyenne.monteiro21@gmail.com

⁵ Centro Universitário Unifavip Wyden: E-mail: levivoorhees@hotmail.com

everyday insults in Brazil, with particular emphasis on the regional context of Pernambuco. Its main objective is to understand insults as speech acts that regulate gender roles and preserve patriarchal structures. Grounded in ordinary language philosophy and speech act theory, the study adopts a qualitative, theoretical, and bibliographic methodology through a narrative literature review. The findings demonstrate that insults operate asymmetrically: those directed at women focus on policing active sexual behavior, whereas those aimed at men emphasize occupational incompetence or the feminization associated with sexual passivity. Furthermore, the intersectional

analysis reveals a form of gendered racism that dehumanizes Black women through aesthetic stereotypes and associates Black men with criminality. The study concludes that insults function as cultural symptoms of structural inequalities, reaffirming hegemonic identities and punishing dissent. It contributes to the field of gender studies by highlighting language as an instrument of the microphysics of power and emphasizing the urgent need for discursive practices grounded in an ethics of care to transform social relations.

Keywords: Language; Insults; Gender; Linguistic sexism; Intersectionality.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem não constitui um sistema neutro de representação do mundo, mas sim uma prática social intrinsecamente vinculada à história, à cultura e às relações de poder de uma sociedade (PETTER, 2003). No cotidiano brasileiro, incluindo contextos regionais como o de Pernambuco, o ato de xingar funciona como um mecanismo de organização e controle social, sendo um dos principais instrumentos de manutenção e transmissão de convenções de gênero. A problemática que orienta esta pesquisa reside na observação de que os termos pejorativos adquirem sentidos assimétricos quando direcionados a homens ou a mulheres, revelando uma estrutura patriarcal e racista que regula corpos e subjetividades (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025).

A relevância acadêmica e social deste estudo justifica-se pela necessidade de problematizar as práticas linguísticas ordinárias, evidenciando como elas naturalizam desigualdades e operam uma microfísica do poder (ZANELLO; ROMERO, 2012). O recorte adotado foca na análise semântica e pragmática das ofensas, com especial atenção à dicotomia do termo "vagabundo" e "vagabunda" e à racialização dos insultos. O objetivo central é compreender os xingamentos como atos de fala que, ao serem proferidos com a intenção de

ofender, produzem efeitos concretos de humilhação e preservam instituições patriarcais através da degradação moral do outro (AUSTIN, 1990; ZANELLO, 2008).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da linguagem enquanto atividade social encontra respaldo na filosofia da linguagem ordinária, rompendo com a visão puramente especular da comunicação. A partir da virada linguística e dos aportes de Wittgenstein (1991), entende-se que o sentido de um termo é definido pelo seu uso dentro de uma forma de vida específica (ZANELLO; ROMERO, 2012). Sob essa ótica, a teoria dos atos de fala permite classificar o xingamento como um ato perlocucionário, uma vez que o proferimento visa produzir efeitos concretos sobre os sentimentos e ações dos ouvintes, realizando uma ofensa moral por meio do dizer (AUSTIN, 1990).

Nesse contexto, o falar jamais é neutro, funcionando como instrumento de manutenção de convenções que prescrevem o que é permitido ou interdito a cada corpo. A assimetria semântica de termos como "vagabundo" e "vagabunda" ilustra essa dinâmica, pois enquanto no masculino a ofensa ataca a ineficácia laboral, no feminino ela foca quase exclusivamente no controle da conduta sexual ativa (ZANELLO; ROMERO, 2012). Essa construção sociocultural da feminilidade exige que as mulheres aprendam a priorizar o cuidado alheio em detrimento de seus próprios desejos, desenvolvendo uma economia emocional voltada para a nutrição física e emocional de terceiros, conforme discute Bordo (1997).

No cenário regional de Pernambuco, essa vigilância verbal manifesta-se em expressões que reforçam o ideal do "cabra-macho", onde qualquer traço de sensibilidade no homem é punido com termos que o feminilizam, como "viado" ou "fresco" (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025). Conforme argumenta Badinter (1993), ser homem é uma construção que ocorre no imperativo, exigindo provas constantes de virilidade para evitar o estigma do fracasso de fabricação. A análise torna-se ainda mais complexa ao integrar o paradigma da interseccionalidade, revelando a existência de um racismo gendrado no Brasil (CRENSHAW, 2002). Siqueira e Zanello (2025) sistematizam como o racismo de marca opera sobre os corpos de forma distinta:

O racismo no Brasil é de marca/cor, ou seja, a identificação de pertencimento racial é pautada nos traços fenotípicos. Além disso, o ideal estético é um componente identitário de mulheridade para as mulheres brasileiras, sendo ele marcado pela brancura, magreza e juventude. Portanto, é sintomático que a expressão das ofensas se refira, em sua maioria aos aspectos físicos das mulheres negras. Os principais xingamentos utilizados na esfera estética foram “preta” e “macaca” (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025, p. 269).

Portanto, os xingamentos funcionam como sintomas culturais que reafirmam tanto o sexismo quanto o racismo estrutural. Problematicar esses usos linguísticos sob a ótica da ética do cuidado é essencial para dismantelar as hierarquias de poder que a linguagem cotidiana insiste em preservar.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e de cunho teórico-bibliográfico, fundamentada na análise crítica de produções acadêmicas que articulam os campos da linguística, da subjetividade e das relações de gênero. O percurso investigativo adotado configura-se como uma revisão narrativa da literatura, modalidade aceita para submissão conforme as diretrizes do simpósio, com o objetivo de detectar padrões discursivos e seus efeitos sociais no cotidiano brasileiro.

Para a composição do referencial de análise, foram consultadas bases de dados científicas e repositórios acadêmicos, incluindo Google Acadêmico, SciELO e ResearchGate, utilizando-se os descritores combinados "linguagem", "xingamentos", "gênero", "discurso" e "poder". Os critérios de seleção das obras priorizaram textos seminais e produções recentes, publicadas entre 2012 e 2025, que discutissem a não neutralidade do falar e a função do xingamento como instrumento de controle social. Foram apreciados textos que dialogam com a filosofia da linguagem ordinária e com as teorias feministas contemporâneas, permitindo uma articulação entre conceitos como atos de fala e microfísica do poder (AUSTIN, 1990; ZANELLO; ROMERO, 2012).

O procedimento de análise dos dados pautou-se na perspectiva pragmática wittgensteiniana, na qual o sentido de um termo é compreendido a partir de seu uso efetivo em contextos específicos de interação social (WITTGENSTEIN, 1991). Dessa forma, a investigação concentrou-se na análise das assimetrias semânticas presentes em ofensas de

gênero e raça, observando-se, inclusive, as particularidades do léxico regional de Pernambuco e como essas expressões operam na manutenção de padrões patriarcais. O percurso metodológico buscou garantir o rigor científico necessário para compreender como a linguagem cotidiana, longe de ser inofensiva, atua como um sintoma cultural das desigualdades estruturais da sociedade brasileira.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados demonstram que as ofensas verbais não são distribuídas aleatoriamente, mas obedecem a uma lógica de vigilância sobre os papéis sociais de gênero. Para as mulheres, a prevalência esmagadora de insultos está ligada ao comportamento sexual ativo, com incidências que variam entre 74% e 80% das respostas colhidas em estudos contemporâneos (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025). Termos como vagabunda e puta são utilizados para punir a autonomia corporal e a liberdade sexual, reforçando o ideal da mulher de família pautada no recato e na discrição (ZANELLO; ROMERO, 2012).

Em contrapartida, as ofensas direcionadas aos homens apresentam uma dicotomia entre a eficácia laboral e a performance de virilidade. Enquanto 54% dos xingamentos masculinos focam no comportamento sexual, o núcleo da ofensa reside na passivização do sujeito (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025). No contexto regional de Pernambuco, o uso frequente de termos como viado, fresco e arrombado visa degradar o homem ao associá-lo a características lidas como femininas, o que na estrutura patriarcal é interpretado como uma posição de submissão e inferioridade. Ser chamado de viado é, em última análise, ser punido por não atingir o ideal do cabra-macho e por se aproximar de uma posição de passividade (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025; ZANELLO, 2008).

A tabela 1 sistematiza as categorias prevalentes de acordo com o gênero do alvo, evidenciando como a linguagem cotidiana polícia diferentes dimensões da vida social.

Tabela 1 – Categorias prevalentes de ofensas por gênero no contexto brasileiro.

Alvo do xingamento	Principal categoria de ofensa	Sentido predominante
--------------------	-------------------------------	----------------------

Mulheres (universais)	Comportamento sexual ativo	Punição da autonomia e exercício do desejo
Homens (universais)	Comportamento sexual passivo	Questionamento da virilidade e feminização
Mulheres negras	Atributos físicos e estéticos	Racismo de marca e desvalorização fenotípica
Homens negros	Associação com a criminalidade	Estigmatização como ameaça e necropolítica

Fonte: Adaptado de SIQUEIRA; ZANELLO (2025).

A análise do termo vagabundo permite compreender essa assimetria de forma nítida. Quando aplicado ao homem, o termo remete à preguiça e à falha no provimento material, ferindo a essência viril ligada à produtividade (ZANELLO; ROMERO, 2012). Já o uso de vagabunda para mulheres adquire um sentido exclusivamente sexual, evidenciando que a reputação feminina ainda está fortemente ancorada na conduta moral e corporal.

Ao integrarmos a perspectiva interseccional, observa-se que o racismo gendrado altera o foco das ofensas. Contra mulheres negras, as agressões abandonam parcialmente o campo da moral sexual para focar na desvalorização estética através de termos como macaca ou preta, visando destituir o corpo negro de seu status de beleza e humanidade (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025). Para os homens negros, o xingamento mais gravoso deixa de ser aquele que ataca a sexualidade passiva e passa a ser o que o vincula à criminalidade, como bandido ou suspeito (SIQUEIRA; ZANELLO, 2025).

Essas dinâmicas revelam que o ato de xingar é um exercício de microfísica do poder que dita o que é permitido e o que é interditado a cada corpo marcado por gênero e raça. Problematicar essa violência simbólica é um passo fundamental para a construção de uma ética do cuidado na linguagem, substituindo a comunicação de dominação por práticas discursivas que reconheçam a dignidade e a alteridade dos sujeitos no espaço público e privado.

5. CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste trabalho permite concluir que os xingamentos não constituem meros proferimentos casuais, mas sim práticas discursivas que operam como instrumentos fundamentais de manutenção das hierarquias de gênero e raça na sociedade brasileira. O estudo atingiu o objetivo proposto ao demonstrar a profunda assimetria semântica presente no cotidiano, na qual as ofensas direcionadas às mulheres visam a degradação moral por meio da vulgarização de sua conduta sexual, enquanto as ofensas masculinas punem a dissidência da virilidade laborativa ou sexual. No contexto regional de Pernambuco, essa dinâmica é evidenciada pelo uso de termos que feminilizam o sujeito, como fresco ou viado, revelando que o pior insulto para o homem é a sua associação com uma posição de passividade.

As principais contribuições deste estudo para o campo de gênero e sexualidade residem na desnaturalização da violência linguística, evidenciando que o ato de xingar é um sintoma cultural de uma estrutura patriarcal que utiliza a língua para vigiar e punir subjetividades. A implicação teórica central reside na necessidade de adotar o paradigma da interseccionalidade para compreender como o racismo gendrado altera o núcleo das ofensas, migrando da moralidade sexual para a desvalorização estética das mulheres negras e para a criminalização dos homens negros. Praticamente, o trabalho reforça a urgência de uma educação para o gênero que problematize o léxico cotidiano e promova formas de comunicação menos violentas.

Nesse sentido, práticas discursivas fundamentadas na ética do cuidado pressupõem a construção de formas de comunicação pautadas no reconhecimento da alteridade, no respeito às diferenças e na responsabilização pelos efeitos produzidos pela linguagem. Mais do que evitar ofensas explícitas, trata-se de questionar expressões naturalizadas que reforçam desigualdades de gênero e raça, promovendo interações capazes de valorizar a dignidade humana. No contexto educacional, essa perspectiva pode ser estimulada por meio de debates críticos sobre linguagem, gênero e diversidade, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes dos impactos sociais de seus discursos.

Como limitação da pesquisa, ressalta-se o seu caráter estritamente teórico e bibliográfico, o que restringe a análise aos dados e sínteses já produzidos por outros autores. Para investigações futuras, sugere-se a realização de estudos empíricos que colem dados diretos em diferentes contextos institucionais e faixas etárias, a fim de verificar como essas

dinâmicas se comportam em novas gerações sob a influência de movimentos sociais contemporâneos. Em última análise, a transição para uma linguagem fundamentada na ética do cuidado apresenta-se como o caminho necessário para dismantelar as estruturas de dominação que a fala cotidiana ainda insiste em preservar.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORDO, Susan. **O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault**. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan (orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 19-41.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos a gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-24.

SIQUEIRA, João Paulo; ZANELLO, Valeska. **Xingamentos e relações racializadas de gênero: sintoma cultural da sociedade brasileira**. Mediações, Londrina, v. 30, p. 1-19, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/tKKMRFmG7VQC9mvgsPMp8Jq/>. Acesso em: 09 abr. 2026.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ZANELLO, Valeska. **Xingamentos: entre a ofensa e a erótica**. In: FAZENDO GÊNERO 8, 2008, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221706218_Xingamentos_entre_a_ofensa_e_a_erotica. Acesso em: 09 abr. 2026.

ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. **"Vagabundo" ou "vagabunda"? Xingamentos e relações de gênero**. Labrys, études féministes/estudos feministas, v. 22, n. 2, p. 1-28, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Valeska-Zanello/publication/367652473_Vagabundo_ou_vagabunda_Xingamentos_e_relacoes_de_genero/links/63d9d9a0c97bd76a824ef02a/Vagabundo-ou-vagabunda-Xingamentos-e-relacoes-de-genero.pdf. Acesso em: 09 abr. 2026.